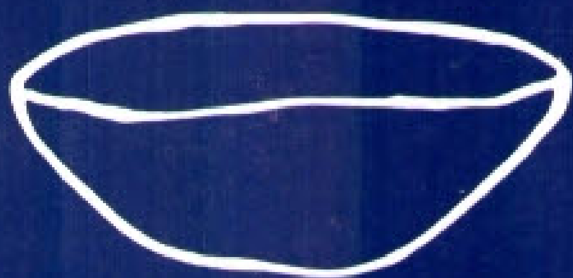
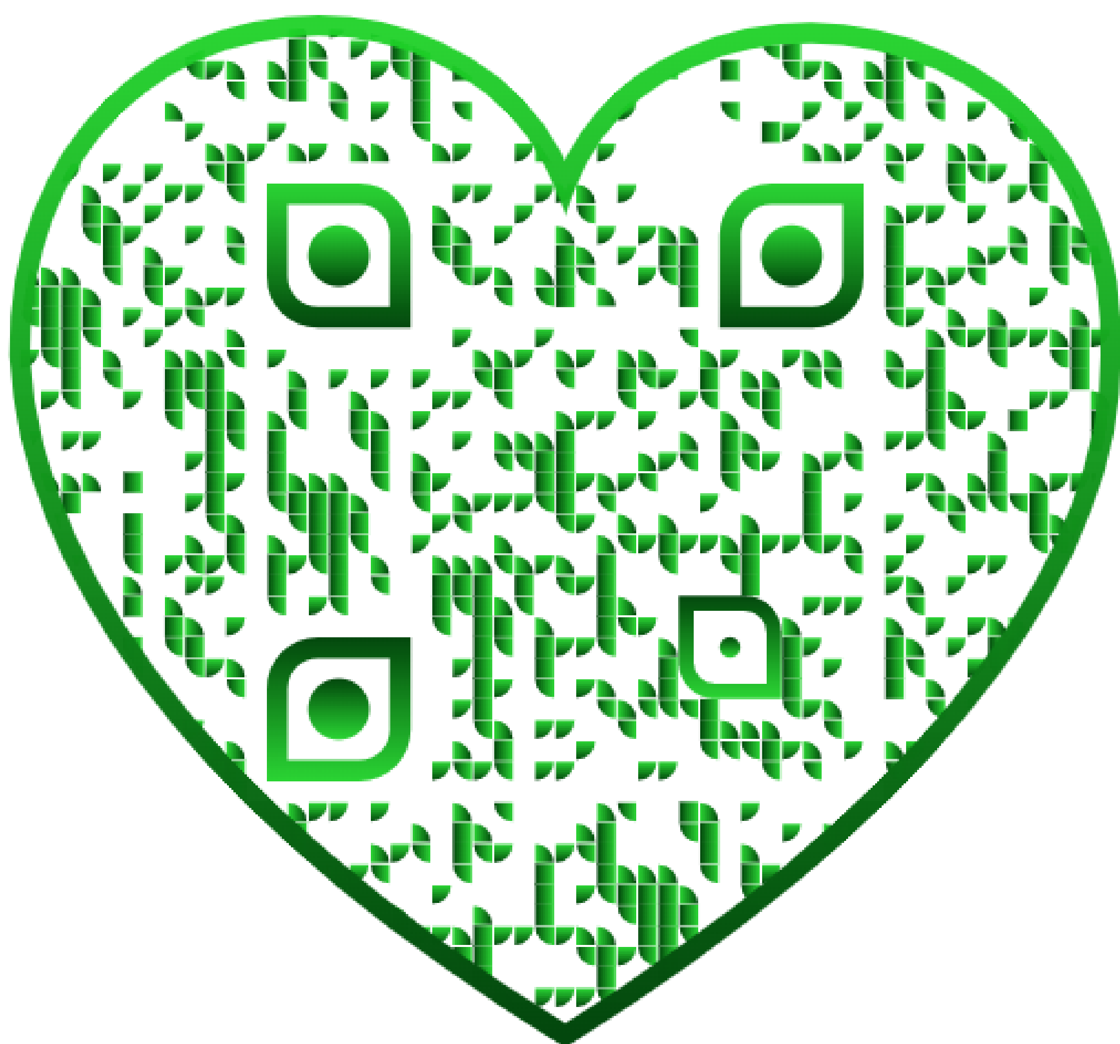
claudia roquette-pinto

zona de sombra



7 LETRAS



claudia roquette-pinto

zona de sombra

2ª edição

7 LETRAS

Copyright©1997 Claudia Roquette-Pinto

Produção editorial
Jorge Viveiros de Castro

Editora assistente
Valeska de Aguirre

Revisão
Ana Cecília Menescal

Capa
Marcus de Moraes

Ilustrações:
Reproduções de esculturas de Cristina Rogozinski
Capa: Tigela 3 (*Bowl 3*), 1995
Óleo s/ relevo em resina, 60 x 128 x5 cm
Pág. 11: Tigela 2 (*Bowl 2*), 1995
Óleo s/ relevo em resina, 61 x 131 x5 cm

ROQUETTE-PINTO, Claudia
Zona de sombra / Claudia Roquette-Pinto – Rio de Janeiro: 7Letras, 2000. (2ª edição)
ISBN 85-7388-233-6
1. Poesia brasileira. I. Título.
CDD 869.1B

2000
Viveiros de Castro Editora Ltda.
Rua Visconde de Carandaí 6
Jardim Botânico – Rio de Janeiro – RJ
CEP 22460-020 – Tel/Fax (021) 540-0037
www.7letras.com.br – sette@ism.com.br

zona de sombra

Sim *(prefácio – Régis Bonvicino)* 7

fósforo 17
tela 19
a caminho 20
cadeira em mykonos 23
no teatro 25
cinco peças para silêncio 27
voz 32

peças 33
fósforo 35
colar 36
seixo 37

zona de sombra 39
vão 41
os reinos 42
a mão 43
georg trakl 44
o porvir 45
no éden 46
meia-água 47
vigia 48
em surdina 49
esta 51
chama 52
últimas flores 53

a extração dos dias 55
I 57
II 58
III 59
IV 60
V 61
VI 62

SIM

Zona de Sombra confirma Claudia Roquette-Pinto como um nome definitivo da poesia, não só contemporânea, brasileira. Claudia estreou com *Os Dias Gagos* (1991), onde já se podia entrever a poeta contundente de *Saxífraga* (1993) em poemas como "na maternidade" ("vivo. / feito de espaço / e de dor / um, como se eu sempre soubesse / seu grito / é áspero e azul"), "intermitentes", "jazz", ou em momentos fortes de poemas um tanto, digamos, perdidos.

Neste novo trabalho, Claudia aprofunda a coesão e a densidade da coletânea anterior. Coesão no sentido de partes intimamente ligadas, mas também no de intimidade com as palavras, com a composição e com a intuição, qualidade fundamental que a distingue de quase todos os seus pares.

Claudia de *Zona de Sombra* é a que — como em *Saxífraga* — opõe suas *particularidades* aos roteiros canônicos da tradição e das antitradições canonizadas, para criar uma poesia própria, original. Poesia da diferença, onde as idéias se relacionam, com intimidade, nas coisas das coisas. Não à toa o livro abre com a epígrafe: "Dê também sentido ao seu dito: dê-lhe a sombra" (Paul Celan).

A poeta "revela" — ciente, todavia, de que o mais legítimo significado de sua revelação é *a sombra* — "estrela de não-cor de densidade máxima". É neste *caminho alternativo* que vão apare-

cendo imagens surpreendentes como "ilhas de cor, elétricas, sazonadas pela imaginação dos poentes". É a "zona de sombra", sazonada pela imaginação dos poentes, que vai desvendar, igualmente, o *gravatá* , de "a caminho" ("estava a caminho: canoa / comprida-boa partindo / a sombra, a meio-e-meio, no rio") — peça que retoma — com atualidade e sem afetação de cópia — o melhor de certa poesia coloquial brasileira, criada pelo modernismo, para "acordar a paisagem", ser "estrela/de silêncio / e precisão" e — com *a sombra* — reafirmar "a mão nua abrindo o fio / (começa comigo) a costura invisível / do rio".

Há, neste conjunto, poemas definitivos, como "cadeira em mykonos", que, além de desconstruir o "Grafito numa cadeira", de Murilo Mendes, endossa os conceitos de Robert Creeley a respeito do que sejam poemas: *"Poems are a complex, and exist by virtue of many things. First, they are a structure of sounds and rhythms which cohere to inform the reader with a recognition of their order"*. Em Murilo Mendes, a cadeira não aguarda nenhuma "iluminação" particular, nem "assento e clavícula de nenhuma deusa". Já "cadeira em mykonos" transforma paredes de cal em lençóis — nua, como deusa-mulher, é um "modo-de-éden".

A sombra organiza as "cinco peças para silêncio", onde "um vento caísse / mas imóvel, sem que tímpano / algum ferisse / sem que a pétala da água enrugasse" ou — acentuando uma poesia de reflexão e percepção finas — "evita o que dá ao silêncio / ausência de sombra", quando então — inventando uma *poética de particularidades* universal, "a palavra retorna / à sua íntima forma": "por dentro do corpo (...) / respira / outro corpo a imantar-se".

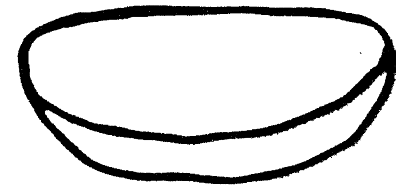
A poesia de Claudia é, ainda, uma poesia de despistamentos, que, parecendo descrever uma "coisa", descobre outra: "através das sílabas coisas incapazes de se fazerem ditas" ou, "a ela, tudo o que restava era um comprido estar em pé". Há, também, nela, em coerência, um jogo de contrastes, no léxico, o que a torna capaz de coloquialidade, de jorro: "rente à janela / ouro tonto sobre a tarde derrubada / entrementes, entre dentes / (e quatro paredes)"

ou "ainda mais cinzenta pela tença da neblina / surge". A palavra *tença* — arcaísmo redivivo para contrastar e expressar: dízimo, pensão, tensão e qualidade do fundo do mar para segurar uma âncora.

Chamo, aqui, atenção para "no éden", onde a ambigüidade e o senso de medida (dureza) de Claudia se mostram de modo intenso e cabal na "descrição" de um também encontro amoroso: "peça a ela que se desnude / começa pelos cílios / segue-se ao arame dos / utensílios diários" ou no brutal "deixar que os olhos descansem / lado a lado com os sapatos / na camurça oscilante / de um quarto". O conteúdo da *sombra* é o corpo que: "corpo / casca de borco (ambos) / quando abandonamos o nítido / por um pouso menos claro".

Claudia correu, em *Zona de Sombra*, livro de embate e fôlego, o risco do "pouso menos claro". O resultado é um "brevíssimo ah!", mas de duração certa, firmando-a como uma das mais instigantes poetas (homens e mulheres) da cena atual — o que não é pouco.

Régis Bonvicino, 10 de abril de 1997.



para luisa

"Dê também sentido ao seu dito:
dê-lhe a sombra"

Paul Celan

fósforo

tela

o centro negro — palimpsesto de escuridão. camadas de preto confundidas, tisne sobre tisne até o oclusivo, último negror. ao redor, ilhas de cor, elétricas, sazonadas pela imaginação dos poentes. flutuando de por-sobre, em bandos nativos, uns grifos, asteriscos de nanquim. seus gritos, que ao ouvido inspirariam: cautela.

toda equação existe, toda superfície pintada só roda e transladapor causa desta idéia, que não se equivoca: o centro negro. mas ele não se dirige aos olhos de quem o contempla — aos olhos sem sono, sem cílios, aos olhos lívidos que insistem e à boca, intermitente, que invoca: portal, ó flor inversa, bocejo de escuro a tragar quem te discerne! magma, fruto de treva, estrela de não-cor de densidade máxima! a ti resta engolfar-nos, ou explodir.

a caminho

"Abriu-se majestosa e circunspecta
sem emitir um som que fosse impuro"

Carlos Drummond de Andrade

estava a caminho: canoa
comprida-boa partindo
a sombra, a meio-e-meio, no rio
silêncio-cutelo e, certo,
o dia aberto   seu ventre
(azáfama de zangões urgentes)
cego

estava a caminho e era
tido por meu o rio
sem costas nem frente,
a brio
inteirado em silêncio

por dentro uma chusma de insetos
vazante, na beira, o estrépito
— meu enxame de equívocos

estava a caminho, e na curva
as águas fendidas   as duas
águas se apartam, súditas
do incêndio, das espadas,
do verde (sem acaso)
ruivo que picava
as folhas do gravatá

o gravatá — o suave
súbito roçar de
dedos (vermelho-
acicate) no umbigo
dos nimbos, acordar
a paisagem

o gravatá — seu recato:
ritmo intacto, enflorado,
servindo de pasto
para besouros, girinos
bebedor de símios

o gravatá — o severo
cerne,
o fero centro que ergue
verde-negro, estrela
de silêncio
e precisão

aqui a água turva,
de mistura com raízes
a curvatura da terra
empena,
oblitera a íris

aqui o rio dobra, a nau
soçobra, a cuia escura
do céu emborca
uma água dura,
às catadupas,
cai — fustiga como um pai

resta o caminho — o sombrio
seguir-do-rio (tateio
à guisa de aprendiz)
dedo cego, palavra-
(sem rasgos na pele da água)
de-superfície

mudo, vazio,
cingido pela água difícil,
braçando no lodo, sigo,
às escuras,
a mão nua abrindo o fio
(começa comigo) a
costura invisível
do rio

cadeira em mykonos

I

nela não se auréola nem é falsa
a idéia, que dela se alça,
como o fogo da lenha
um grego, aliás, quem a
aprisionou, como a um inseto
sobre a camurça-conceito:
na língua, terceiro objeto,
menos cadeira, se a escrevo
tampouco devo (se a quero)
nos arrabaldes das sílabas
buscar madeira de mobília
preciso (para que a tenha)
adestrar-me ao negativo,
ao branco contíguo
da parede, hauri-la
como figura: literal
(modo-de-éden) nua
entre lençóis de cal

II

ícaro sem penas
noiva muda em cendais de secagem rápida
quadrúpede engendrado para solidões

no teatro

quando o dançarino enfrenta
a onda acesa da cena
— corpo-arremesso sob o açoite dos metais —
e assoma,
(vulto opaco rapta
olho-fátuo
a multidão)

e quando seu braço interrompe
o espaço negro onde
nenhuma fala se tecia
(impiedade, parece
embora exato dizer coerência)

e todo o seu corpo
tão cambaleante desdenha
as manobras dos virtuoses

os homens sorriem, ombro a ombro,
justos neste contrabando
(noite adentro, corpo adentro,
até o claro errante
onde o tempo sua flor
pára, entreaberta)

e voltam à rua ruído
diluídos na turba e ao equívoco: vida
(fluxo de gás e notícia atravessando a insônia)

vida cujo antídoto
        (o dançarino desfere
        seu último gesto, as primeiras
        fagulhas de aplauso se erguem,
        na platéia

cinco peças para silêncio

I

empresta silêncio ao silêncio
como sobre a superfície
das águas um vento caísse
mas imóvel, sem que tímpano
algum se ferisse
sem que a pétala da água enrugasse
vento soprando de dentro
do vento, a resistir-se
intento na corrida, em riste
o próprio pulso a domá-lo
trazendo seu movimento
de homem com cavalo

II

evita o que dá ao silêncio
ausência de sombra, planície
paisagem onde aterrissam
os tímidos, pátio de impasses
assiste em silêncio o exercício
do salto,
do que, maciço,
leve se arremessa
quando corpo, ora em pedra
ora em água precipita e
os gestos da água imita:
levita em convite à queda

III

corpo deitado ao silêncio
sob o sol, exposto
ao incêndio de outro rosto
todo ele ateasse
surgindo, vertiginoso,
das cinzas do gozo, em nudez
assim a palavra retorna
à sua íntima forma
que o olho, à pena, intuíra
(por dentro do corpo (disfarce
contra o silêncio) respira
outro corpo a imantar-se)

IV

se em torno ao sol do silêncio
um corpo orbita, em elipse,
há (metáfora opaca) um faça-
se-a-luz que decifre
o rosto por trás da grimaça,
o desenlace do eclipse?

V

como um olho sob a pálpebra
raiando (ou se desvestindo
de uma antiga catarata)
através do cristalino
o corpo assoma, palavra
vinda da sombra
para o atrito

voz

dentro da caixa escura, nenhuma lua
mas a voz que, chispas, acentua
no ar a espessura quase feltro
no ar, que antes dela era neutro

como o sono sem sonhos, ou preso
no casulo de um pesadelo
(ao encontro dos dedos se rompe
sobre o nada, que a luz interrompe)

chega a voz, e recolhe e espalha
cada fragmento, "migalha
de luz", lento esboroar

de quem já fui, na tarde. a voz vara
persianas, cobre as dálias,
vai de encontro à lixa das cigarras

peças

fósforo

ela segue dormindo. na borda do lençol o que a acalenta não são flores — senão aquelas mínimas rosas, pontas buliçosas de falanges a afiar seus instrumentos. sobre as cinzas do peito vão as pegadas, fósforo expondo ao ar noturno seu poder de ignição. o objetivo: o ermo pavilhão (esquerdo) do ouvido. onde então dispersariam, indo pesar alhures. nas pálpebras lilases, nas pétalas pisadas dos olhos, onde outro grupo de homúnculos labora. com minúcia, com agulhas de prata eles picam a superfície da pele pálida e baça e tão logo aberta às intempéries da luz. a cada golpe da agulha ela sabe, a massa corrente dos sonhos, a água caiada quase a ponto de talho se enruga e ralenta, e onde ali havia a superfície fluida, ininterrupta, o que se coagula?

semi-cerrada na madrugada avulsa ela espera que alguma mão (a sua?) trêmula recolha toda a alva matéria e a explique.

o luzidio de certas palavras, ditas a esmo, quando vêm se interpor ao fluxo da fala, ombreando as águas na contra-corrente. como, a contra-pêlo, a aspereza de um novo desejo, subitamente espreitado, acordando a pele.

pois se, no indo da correnteza se esbarra nestes seixos, a resistência se inaugura e inaugura-se um mergulho.

seguem as palavras de água rasa o seu percurso, coleando de mãos dadas sobre o leito de brou-ha-has, os marulhos da multidão. enquanto no íntimo desta bulha (mas em que latitude?) as idéias, antes pardas, rombudas, afunilam-se e se lustram e lentas morfoseiam-se nuns fusos, cujo único intuito é provocar a quem está escutando.

ela vislumbra: através das sílabas coisas incapazes de se fazerem ditas — tênue arco do desejo, tartamudo, estirando sua corda no espaço em rotação; e logo o arrulho das asas, que se avizinham e partem.

liqüefeita neste líqüido, contígua a este mundo entre fundo e superfície ela capitula, de bom grado exibe, em gestos tão vagos, os braços despidos, o colo (bastando, para isso, que incline levemente o torso para trás).

ela se rende, em oferenda expõe seu corpo ao exército surpreso das palavras — que sobem arranhando pelos braços, ultrapassam, vacilantes, os seios, um segundo atrás daquele par de olhos imantados, os quais, tendo cumprido o percurso, gravitam agora ao redor do seu pescoço.

nunca naquela aldeia qualquer relume de água. o que se bebia era o suor dos caules, colhido com a concha das mãos antes que os primeros raios, e o vapor-memória dentro dos cactos. não ajudaria perguntar — para todos naquela tribo a idéia de líqüido tinha se evaporado, e mesmo as palavras dos antigos para invocá-lo rolavam na poeira intolerante, entre utensílios de barro.

a ela tudo o que restava era um comprido estar de pé, o sol de orelha a orelha, os olhos estalados a vigiar no mais-longe. de onde, sabia, alumbraria o gado alado e escuro de Nyame, o deus do céu. "É apenas uma história, uma história", diziam os avós, "deixe-a ir e vir": os machos, de casco-estampido, chispando e ferindo quem ainda teimasse em não correr; as fêmeas, brancas, tetas imodestas, arrastando-se até os dedos do sol. e, logo, seu leite-sem-cor, caindo em alívio.

nesta espera, no empenho desta véspera ela passava a integridade dos seus dias, acarinhando entre os dedos, como a uma pedra íntima, um e outro nome que escolhera, uma e outra maneira de reter o que nunca vira: o corre-corre; serpente-que-sempre-foge (sora, sora, sora); o come-calor.

e tão intenta estava na sua encantação de horizontes que não discerniu o instante em que a estrangeira, ajoelhada à sua frente, levou um trapo até a boca do cantil e pôs-se a lavar seu rosto.

zona de sombra

"Só podemos viver no entreaberto,
exatamente sobre a linha hermética
de partilha da sombra e da luz"

René Char
(trad. Augusto Contador Borges)

vão

palavra-persiana
poema-lucidez
imanta o ar fora do cômodo
das frases   um outono
rente à janela
ouro tonto sobre a tarde derrubada
entrementes, entre dentes
(e quatro paredes)
tua boca ainda invoca
equívoca e pobre.
na penugem além da vidraça
os deuses-de-tudo-o-que-importa
cerram as pálpebras de cobre

os reinos

1. tempo
a se desprender do tempo
lenço a lentamente
elucidar-se em frêmito
enquanto cai

2. insone
crivo por crivo
ergueu-se do exíguo leito
e abandona a sombra atônita,
desatada

3. nimbo
globo que assoma
de halo hialino
explode
contra a lâmina das águas

a mão

do branco suntuoso entre carcaças lívidas
(nuvens)
ainda mais cinzenta pela tença da neblina
surge
— nos seus dedos um lampejo apenas
subverte a extração dos dias

à hora aveludada
no lusco-fusco de um cômodo
se diverte a passar —
em bando — pirilampos das
falanges sobre o campo noturno
(cabelos)

ferindo o — caso contrário —
dormido coalho dos meses
outra e outra vez as
farpas sulferinas
— seus dedos

georg trakl

sete vistas esperam atrás do nome
jardim que foi salvo, tonsura de muros:

árvore branca do desejo,
coberta de flores-do-equívoco

poças gêmeas olheiras
sob uma rajada de pétalas

um astrolábio, perdido na fuga

um par de seios — faróis
que os dedos acabaram de acender

a criança de olhos-guilhotina:
razão (manhã) decapitada

a palavra   sarça ardente

um punho fechado   teu coração

o porvir

cavalo de vidro, não
de transparência imediata:
opalino
breve, não era, quanto o cristal
antes, as ancas   esferas
brancas (como em paolo ucello)
avança
crina sem rédeas
patas que espanam
no carrossel do pó

(para quê,
cavaleiro ocre,
encolher-se na avalanche do galope
— no ouvido um presságio de cacos —
cada vez que os cascos o golpe?)

no éden

peça a ela que se desnude
começa pelos cílios
segue-se ao arame dos
utensílios diários
(insônia alinhavando-se
de tiros,
a infância   seus disfarces)
é preciso
que se arranque toda a face
deixar que os olhos descansem
lado a lado com os sapatos
na camurça oscilante
de um quarto
isso, se quer (sequer desconfia)
tocar o que se fia (um par
de presas, topázios)
entre os vãos das costelas
abra o fecho ela desfecha
no escuro o quadrante onde vaza
a luz e suas arestas

meia-água

duas conchas
tua sombra quando encosta à minha
areal mais exíguo da
fronha, língua
de areia confinando com a escuridão

corpo
casca de borco (ambos)
quando abandonamos o nítido
por um pouso menos claro

poço
e poço de sono
sobre nossas águas gêmeas
a noite hesita em refletir

vigia

eu beijo o verso
das pálpebras
no rosto do menino sem sono
estendo o sono
que esgarça
descobre os pés quando o branco
atravessa
(ultrapassa) um globo e
outro   tonto
cobertor de fumaça
ainda à margem do incêndio do sonho

em surdina

(para um balé de balanchine)

I

ela pode voar
(ele acredita)
no movimento
que desamarra dentro
— de entre os braços
que um necessário apolo
ergueu a tempo para essa alegoria —
como se denso
embora leve
detendo-se o corpo se desse
em asas
— asas ao inverso,
que nela o vôo
não alça: desata —
como se um vento (ou
o que, íntimo, levita)
soprando de dentro
sobre a água fixa da platéia a erguesse
antes mesmo
que os dedos-palafita
de um parceiro a tocassem
(como tocam agora) as
costelas
onde um par de asas se agita

II

o corpo um arco
encordoado para fugas
(ou será ela
a própria flecha
que dispara?)

esta

que se ensimesma
pétala que volteia
idéia que embaraça
à pele, em novelo
segredo a desenredar
desde o centro, corpo adentro,
"moinho de silêncio"
ralo para onde escorre o
pensamento
umbigo de vênus, abismo
em que a falta de senso espirala
pálpebra do nada
(engalana, palpita)
brevíssimo ah! de duração indefinida
prestes a expirar dos lábios
em alvoroço,
rosa

chama

as tulipas acenderam
— espadas, coroas,
cabelos —
seu ruído no quarto.
na cama sem repouso
um rosto avesso ao rosto
intransigente, do espelho,
busca equilíbrio
sobre o cânion dos lençóis
paira, fogo contido,
gêmeo do incêndio das flores
ardendo em contínuo
silêncio,
no halo da lucidez

últimas flores

não saltam,
nem sobrepõem-se ao fundo escuro
sua vertigem (cinza
virgem emergindo em rosa espúrio)
dança na superfície,
aspira à longitude

elas sobem,
como se talos não atassem
ao fundo, à
água assombrada que o vaso, lúcido,
finge discernir

sobem,
e as três últimas (plenas
de ar) explodem
o limite da tela

digo ao resíduo
amarelo
tombando junto com os olhos
(no último
segundo) sobre o suposto vidro

— nunca mais olhar as rosas sem ferir-nos

a extração dos dias

"Quem se arrima à rosa
não tem sombra.

Eu busquei a beleza
e o sol me queima."

Pablo Antônio Cuadra
(via Manuel Bandeira)

nenúfar
o que rufa à tua contemplação?
que azul raia de verde
que "z" arábico atende,
rufla ao teu redor?
nenhum (asa de abelha)
furta o ar
como te olhar
furta-me o cór

água madura saturando em âmbar
água-ouro (vinagre do sol)
pedra almiscarada intenta num galope
a cigarra   seu mantra marrom
aranhas pálidas num rebanho
o olho tonto do gerânio
nuvens cegas, às manadas
(marradas-relâmpago)

arrufo de asas
entre as pétalas de um crisântemo
— instante de alegria que crepita

gualde amarelo amarelo andante em verde
partitura oscilante das flores   o vento
(ralento até o silêncio)
mas ouça: na lousa da noite
os grilos vão deixando reticências

há uma prata indecisa na copa destas árvores
há um lalique que — diáfano — cola às asas
da borboleta
há um grilo que retine
sílabas
às estrelas

acima desta escuridão alguma coisa debruça
— e a multidão das estrelas mudas —
uma face que vertesse
olhos de amoroso interesse
sobre outra face
a noite desce
seu punhado de estrelas — quase — até a água:
vagalumes
sobre o lago



Impresso sobre papel Pólen Bold 90 g/m²
(miolo) e Cartão Supremo 250 g/m²(capa)
na gráfica Reviver para Viveiros de Castro
Editora em outubro de 2000.